

Editorial

Aprender uma língua de sinais

Christian Cuxac
Université Paris-VIII

Esse texto é uma versão remanejada de uma publicação anterior, publicada em 2001 e intitulada “aprender a LSF”, destinada a pessoas ouvintes – mais particularmente a pais ouvintes de crianças surdas –, que desejam se lançar no ensino da língua de sinais francesa (LSF)¹. A grande semelhança das línguas entre si quanto à sua organização linguística nos autoriza a estender as observações que se aplicam inicialmente à LSF ao conjunto das línguas de sinais (LS) do mundo, retomando a bela metáfora formulada em 1981² por Joe Castronovo, poeta surdo americano:

A linguagem é como o mar. As línguas individuais, sejam as línguas de sinais, sejam as vocais, são os rios que desembocam no mar. Há semelhanças fundamentais entre línguas de sinais e línguas vocais. Mas há também diferenças muito importantes entre sinalizantes surdos e locutores ouvintes e sua relação com a linguagem e suas línguas. Os locutores ouvintes, coitados, não sabem muito nadar no mar da linguagem, nem nos rios de suas línguas vocais. Eles querem, então, transitar de sua língua a uma outra língua, eles são forçados a construir pontes e depois andar sobre elas para viajar de uma língua a outra. Entretanto, os sinalizantes surdos são muito bons nadadores que não têm medo de mergulhar, nem no mar da linguagem, nem nos rios de suas línguas de sinais. Assim, eles não têm necessidade de construir pontes para passear de uma a outra em suas línguas de sinais, eles simplesmente nadam, tranquilos, seja nos rios de suas línguas, seja no mar da linguagem.

Imaginemos que vocês sejam ouvintes e que vocês acabem de tomar a decisão de aprender uma língua de sinais. Quaisquer que sejam os motivos e as modalidades de acesso (cursos formais semanais ou cursos intensivos em associações ou universidade,

¹ Christian Cuxac, 2001, Apprendre la LSF, in : Surdit  et souffrance psychique, ed. Fr d ric Peillon, Ellipses, Paris, pp. 35 – 41.

² Communication personnelle   Elena Antinoro Pizzuto, en ASL,   l’occasion du spectacle con u par Joe Castronovo et Ignazio Buttitta « Yeux – Po sie en langue des signes et po sie en dialecte se rencontrent », Palerme, Librerie Astersco, mai 1981 (annot  et traduit par Elena Antinoro Pizzuto).

contato direto com os surdos), os iniciantes têm uma vantagem incontestável de estar em situação de descoberta em relação aos alunos em nível avançado.

Você é um monolíngue (ou bilíngue ou trlíngue) e logo você vai praticar uma língua a mais. Nada mais emocionante além de mais viável : é sempre melhor saber duas línguas do que uma, três do que duas etc. E nada mais positivo e gratificante para nós: você poderá discutir com interlocutores surdos nativos em sua língua, uma língua que não é a sua. Você optou por um gesto positivo de ir ao encontro do outro e este só tem a considerá-lo. Uma aventura intelectual também começa, pois você vai aprender a fazer um recorte do mundo de forma diferente daquelas associadas ao “dizer” e se comportará de maneira diferente do ponto de vista cultural.

Novos comportamentos

Além disso, esse prazer em praticar outra língua e se abrir a uma outra forma de ver e dizer é tão vivo que o objeto linguístico a atingir se torna mais afastado do enquadramento inicial de referência. E, sob esse olhar, a distância entre seus hábitos linguísticos e os que implicam a prática de uma língua de sinais é, sob vários aspectos, maximal.

a) Não falar mais

Você terá, então, a surpresa de discorrer, intercambiar informações em situação de face a face, em silêncio, sem ter que usar a voz. É verdade que é possível falar, ao mesmo tempo em que você gesticula (frases que seguem a gramática de sua língua vocal inserindo gestos da língua de sinais), mas é hábito que não se deve ter. É como se, sem estar nem em uma língua nem em outra e misturando inglês e francês, um iniciante lhe dissesse “Como você faz?” (inglês: “How do you do?”) para dizer “Como vai?”.

b) Construir sentido com seu corpo

Aprender uma língua de sinais é também aprender a utilizar seu corpo de uma outra maneira, em completo movimento gestual e facial, tornando-o cheio de sentido, uma outra forma de também utilizar seu olhar. Como emissor de mensagem, você perceberá o olhar como o elemento que comanda a interação e tem, dessa maneira, valor de “eu” e de “tu”. E, se você é receptor dessa mensagem, aquele a quem se dirige, é necessário olhar em permanência, em visão central, o rosto de seu interlocutor. Você abandonará então a tentação de seguir os movimentos dos gestos de seu interlocutor e,

nesse caso, você está condenado a não entender nada sobre o que ele lhe diz. Reconhece-se logo um aluno iniciante por meio desse comportamento.

Trata-se então de uma nova educação do sistema visual que, para você, começa, pela mudança de canal. Você será então surpreendido pela impressão de (saudável) cansaço físico e intelectual nos primeiros cursos, pela falta de hábito, no mundo dos ouvintes, em decodificar mensagens complexas, ao mesmo tempo temporais e espaciais, em que várias informações em movimento são emitidas ao mesmo tempo.

Primeiras descobertas linguísticas

a) Uma língua que pode dar a ver dizendo

Primeiro aspecto das línguas de sinais, quando o locutor diz mostrando, dando a ver, você o perceberia quando seu interlocutor surdo contasse histórias engraçadas, ou então a narrativa de suas últimas férias, ou até a de um filme que acabou de assistir. O princípio que rege as estruturas – elas são em número de três – que permitem mostrar é muito simples. Ele consiste em: 1) seja uma figuração manual das formas ou dos contornos de forma de um objeto, de um animal, de uma personagem humano; 2) seja a figuração por meio das duas mãos do deslocamento de um personagem ou de um objeto como se fosse visto de longe e em movimento em relação a um lugar fixo; seja uma figuração que consiste em “tornar-se” um personagem ou animal, via até mesmo um objeto, por meio de um tipo de incorporação que os surdos chamam “papel” ou “representação de papel”. Esses dois tipos de figuração podem ser combinadas simultaneamente.

O mais surpreendente é que, quando os surdos constroem narrativas muito figurativas, tudo, sem ser transparente, parece mais claro, quase evidente – a impressão de que “não se poderia dizer melhor” – mesmo para um ouvinte iniciante em língua de sinais. Caracterizaram-se frequentemente, de forma errônea, essas produções como oriundas de mímica ou de pantomima, as pesquisas recentes consagradas às LS, no entanto, mostram bem a que ponto essas mensagens são finamente estruturadas e em todos os aspectos próprias à análises linguísticas. Essa constatação fundamenta-se pelo seguinte paradoxo: por mais facilmente decodificadas que elas sejam, é extremamente delicado para os ouvintes reproduzi-las; são também as mais tardias e as mais difíceis a adquirir. Para entender de que construções se tratam, acho que seria mais conveniente

referir-se às técnicas narrativas cinematográficas (mudança de planos, iluminação de uma cena a partir de diferentes ângulos de vista), enfim, tudo o que se elabora na encenação e montagem, ao invés das narrativas às quais estamos habituados em nossas línguas vocais ou escritas, enfim, tudo o que se elabora na encenação e montagem.

b) Uma utilização massiva do espaço

Paralelamente a isso, segue-se a aprendizagem da outra vertente da língua de sinais, quando ela diz sem dar a ver, sem ilustração, com seu vocabulário de milhares de sinais que serão adquiridos aos poucos, assim como os princípios de uma gramática que utiliza essencialmente o espaço. Você aprende, então, a deslocar certos signos no espaço e, para aqueles só podem ser deslocados porque são produzidos em um ponto fixo do corpo (por exemplo, em LSF “menino” no nível do fronte, “menina” no nível da bochecha”), para retomá-los por meio de um apontamento do indicador e, graças à direção desse apontamento, para atribuir a ele um lugar singular, como um tipo de retomada de memória espacial (à direita ou à esquerda, diante de si, mais alto ou mais baixo, etc). Esse deslocamento no espaço por apontamento é capital para saber quem faz o quê; de fato, uma boa parte dos verbos das LS vão religar esses diferentes apontamentos (e conseqüentemente os sinais que os acompanham e que eles retomam) graças ao ponto de partida e de chegada de seu movimento. Isso permite saber se é o menino que convida, informa, responde à, diz à, etc, a menina, ou então o inverso. Você aprende também a especializar o tempo: em LSF, por exemplo, segundo uma linha de tempo indo de trás do corpo (o passado) para a frente (o futuro)³ quando o que você diz está em relação com o tempo presente (por exemplo quando você diz “dentro de três anos”, “ontem”, ‘mais tarde”); e, quando não é o caso, para se posicionar uma data de referência em um ponto do espaço (sempre como um tipo de retomada de memória espacial) data em relação à qual o que aconteceu antes ou o que se passará depois indica-se segundo uma linha de tempo horizontal.

Os verbos poderão, então, ser deslocados ao longo dessa linha de tempo e, em função de seu lugar, carregar-se de valores temporais diferentes.

³ Ce fléchage spatial du temps est universel, présent aussi bien dans les LS que dans la gestuelle co verbale des entendants. En revanche, ce qui n'est pas universel est la direction de ce fléchage de par le monde : certaines populations entendants placent par exemple, dans leur gestualité co verbale, le futur derrière le corps et le passé devant.

O corpo, como uma orquestra

Para fazer sentido, todo o do corpo é utilizado e não somente as mãos.

a) O papel do olhar

Já se disse que o olhar permitia entrar em interação, mas o olhar ativa também porções do espaço onde os gestos irão se instalar (um pouco como faz o mouse de computador que ativa a tela em um lugar preciso). Às vezes, convém também posicionar o olhar em certos sinais que se está produzindo, sem o qual, a mensagem não teria necessariamente sentido.

b) A mímica facial

Descobrir-se-á também que as expressões do rosto, ou mímica, tem uma importância considerável: quando a língua de sinais dá a ver, produzida simultaneamente às formas executadas pelas mãos, é a mímica facial que permite qualificar essas formas como belas, feias, pequenas, grandes, médias, esponjosas, etc. Quando a língua dos sinais diz sem dar a ver, a mímica permite quantificar os nomes (muito, um pouco). Acompanhando um verbo, ela indica a maneira como a ação se consuma: com atenção, com esforço, facilmente, rapidamente, etc. Enfim, aplicada a frase inteira, a mímica permite saber minha opinião sobre o que estou dizendo: se é uma questão, uma condição, uma dúvida, uma assertiva, etc.

c) Movimento do corpo e do rosto

Aliás, os balanços do corpo permitem reunir as frases entre e tomam um valor de “e” ou de “ou então”, assim como minúsculos balanços de cabeça têm como papel assegurar a continuidade e a manutenção da interação (“Estás acompanhando?”, “Não é?”, “Hein?”, etc). Para resumir, o corpo do locutor em língua de sinais poderia nos fazer pensar em uma orquestra sinfônica cujas diferentes partes se harmonizam umas em relação às outras.

À guisa de conclusão

Como em toda língua, será necessário tempo para aprender uma língua de sinais. Às vezes, você terá a impressão de não estar avançando, de não estar progredindo satisfatoriamente, mas também pode acontecer ao contrário e você terá a sensação misteriosa de ter ultrapassado subitamente uma etapa importante. Um dia, você irá constatar, em um encontro casual com surdos desconhecidos, que você pode se

comunicar com eles sem problema. Mais mágico será, quando, ao encontrar surdos estrangeiros e interagir com eles sem problema, você constatar que a prática fluente de uma língua de sinais se abre a uma comunicação planetária. Conhecer uma destas línguas lhe permitirá, com muita facilidade, interagir linguisticamente, com qualquer um que pratique uma outra LS. Enfim, nesse estado avançado, você constatará que paralelamente à aprendizagem de uma língua de sinais, você terá aprendido a disciplinar seu corpo e sua gestualidade, a educar seu olhar e potencializar suas performances, a produzir com o rosto um número de expressões faciais que nunca imaginou ser capaz de realizar.

Assumi o risco, aqui, de antecipar algumas surpresas do seu processo de aprendizagem de uma língua de sinais e de tornar explícitos alguns aspectos dessa língua talvez você não tivesse consciência de ter adquirido. Nesse sentido, é uma pena e eu sinto muito; mas se esse texto aguçar a curiosidade de algumas pessoas, no sentido de incentivá-las a aprender uma língua de sinais, o efeito reparador dessa antecipação será largamente compensado.